



Vol. 32, nº 1 (2026)

## DISCURSO RELIGIOSO EM PEDRO CASALDÁLIGA

\*\*\*

## RELIGIOUS DISCOURSE IN PEDRO CASALDÁLIGA

Larissa Aparecida dos Santos Claro<sup>1</sup>  
Epaminondas de Matos Magalhães<sup>2</sup>

**Recebimento do Texto:** 09/11/2025

**Data de Aceite:** 03/12/2025

**Resumo:** Este artigo analisa o poema de Pedro Casaldália, “Oração a São Francisco em Poema e Desabafo”, destacando a presença do discurso religioso e do engajamento social em sua poética. O autor articula dimensões proféticas, sociais e políticas vinculadas ao contexto histórico mato-grossense. Sua escrita funciona como registro literário e histórico, dando voz a sujeitos silenciados e refletindo suas vivências. O estudo baseia-se em autores basilares e pesquisadores de sua poética, dentre eles: Candido (2000), Magalhães (2001), Bosi (2015), Canuto (2021).

**Palavras-chave:** Bispo-poeta. Engajamento. Resistência.

**Abstract:** This article analyzes the poem by Pedro Casaldália, “*Prayer to Saint Francis in Poem and Outburst*,” highlighting the presence of religious discourse and social engagement in his poetics. The author articulates prophetic, social, and political dimensions connected to the historical context of Mato Grosso. His writing operates as both a literary and historical record, giving voice to marginalized subjects while reflecting his lived experiences. This study is based on key scholars who have analyzed his poetics and biography, including Candido (2000), Magalhães (2001), Bosi (2015), Canuto (2021).

**Keywords:** Bishop-poet. Engagement. Resistance.

### 1 Introdução

Ao lançarmos nosso olhar sobre as produções poéticas de Pedro Casaldália, identificamos um sujeito poético capaz de construir relações com o espaço (local), o outro (povo) e imagens que são produzidas de suas vivências na região do Mato Grosso. A construção de sua poética encontra-se apoiada dentro de um espaço e as relações estabelecidas entre o eu e o outro. Essa perpassa uma transitividade construída em um solo, por vezes, sagrado, movediço, profético e, ainda, incapturável. Dessa forma, Pedro Casaldália, viveu seu ofício de poeta na busca de humanização dos homens, assim possibilita o social, o sagrado e o secular.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Literários (PPGEL/UNEMAT). Mestre em Linguagens. E-mail: larissa.claro@unemat.br

<sup>2</sup> Doutor em Letras. Docente do IFMT e do PPGEL (UNEMAT). E-mail: epaminondas.magalhaes@ifmt.edu.br



Nossa reflexão se pauta entre poesia e engajamento, no sentido de analisar a construção entre o espaço poético e as relações humanas. Essa correlação é pensada como um fenômeno não independente, mas recriado dentro de um contexto, que ultrapassa a inspiração do poeta. As obras críticas possibilitam estabelecer um parâmetro de leitura para o texto poético, embora as contradições inerentes a este fazer poético nos conduzam por diferentes caminhos de interpretações, evidenciando os enfretamentos, as tensões e as rupturas entre a tradição.

Compreender a criação literária de um poeta nunca será uma tarefa fácil, pois se estará sempre diante de dois inusitados mundos - o poeta e o poema - a possibilidade que cabe é a busca de sentidos, as relações interligadas, o percurso que os transcendem no limiar da escrita. Embasados na teoria sociológica de Candido (2000), que analisa as relações entre literatura e sociedade, e a defesa de críticos sobre poesia e sociedade, apresentamos o engajamento na poética de Pedro Casaldáliga, o seu olhar pelo outro, o envolvimento pelas causas sociais do seu povo.

Sartre (2019), ao questionar: “Que é escrever?”, atribui reflexões sobre as artes e como um dado momento se influenciaram pelos mesmos “fatores sociais”. O poeta é entendido como aquele que vê as palavras pelo avesso; é, por meio do contato silencioso, que acontecem as descobertas e afinidades particulares com essas palavras. Por isso, existe a palavra vivida e a palavra encantada, uma vez que o escritor esteja engajado no universo da linguagem, não poderá sair, as palavras cumprem seu papel de se organizarem e de remeterem a um universo (transcendência):

o escritor deve engajar-se inteiramente nas suas obras, e não com passividade abjeta, colocando em primeiro plano seus vícios, as suas desventuras e as fraquezas, mas sim com uma vontade decidida, como uma escolha, com esse total empenho em viver que constitui cada um de nós (Sartre, 2019, p. 29).

Esse engajamento é reconhecido pelo autor como característica de escritores que não se conformam diante das diversas situações, pois há sempre um desejo de transformação e de desvelamento do mundo para os outros. Existe, portanto, um olhar capaz de modificar e ressignificar a realidade ao seu redor. No momento da criação, o autor controla seus signos e realiza escolhas que orientam sua inspiração; contudo, uma vez produzido, o texto deixa de lhe pertencer, tornando-se autônomo e aberto a múltiplas interpretações. Adiante, a leitura será responsável para a concretude de uma obra, sendo o leitor o responsável por uma



“totalidade orgânica” desta, assim tudo dependerá da sua capacidade de criação a cada leitura, “cada palavra é um caminho de transcendência, dá forma e nome às nossas afeições [...]” (Sartre, 2019, p. 48).

Estamos diante do desvendamento poético de Pedro Casaldáliga, que faz uso de uma linguagem capaz de transitar por horizontes simbólicos e plurais. Sua escrita constituiu-se como instrumento fundamental em suas lutas e inquietações, funcionando como espaço de denúncia, reflexão e resistência. Nesse sentido, observamos que o valor poético presente na literatura de engajamento manifesta-se por meio de um eu lírico comprometido com o outro e com as realidades sociais que o cercam. Tal postura evidencia que sua produção literária estabelece estreita relação com os contextos histórico, político e social, revelando uma poética marcada pela solidariedade, pela crítica social e pelo compromisso com as vozes marginalizadas.

A literatura, segundo Candido (2000), é entendida como fatos associativos, relaciona-se obra e homem, resultado de relações pessoais e pensamentos que contribuem para sua concretude. O lugar, as imagens e os valores embutidos nas produções fazem da literatura arte social e coletiva, estabelecendo comunicação entre autores e leitores. O poeta consegue transformar tudo que passa por ele, absorve a partir do seu olhar e devolve ao mundo (Eu e o Outro), assim as percepções se interligam, cumpre-se o papel social da arte e do autor. Fenômeno este que depende do público, fonte de sua definição, vínculo necessário para sua efetiva criação e, como ressalta Candido (2000, p. 74), “a literatura é, pois, sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estas a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a”.

Candido (2000) expõe o lado externo e o interno como complementares e necessários para o todo de uma obra literária, em sua concretude. Não existe uma obra dentro de um universo fechado, único e acabado, mas, sim, um poeta capaz de transformar tudo que passa por ele, devolvendo ao outro sua própria percepção, e não como se acredita de um espelho refletor, há, portanto, uma transformação configurada em seu ser.

Além disso, o autor ressalta o direito à literatura, esta entendida como universal “de todos os homens em todos os tempos” (Candido, 2017, p. 189), afirmando, assim, que não há possibilidade do homem viver sem ter ao menos uma vez o contato com a literatura, seja



de forma ficcional ou poética. Independentemente dos desejos individuais, esse contato se concretiza, o que evidencia sua necessidade e sua condição de direito coletivo.

Nessa perspectiva, faz-se necessário pensarmos a escrita de Pedro Casaldáliga como esse escritor que assume seu lugar de fala, concebe esse papel humanizador “cada sociedade cria suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com seus impulsos, as crenças, os seus sentimentos [...]” (Candido, 2017, p. 190). São as pesquisas e as leituras escolares, meios necessários não somente do reconhecimento de um escritor, mas também dos valores embutidos nessas escritas.

A escrita de Casaldáliga transcende a esfera das emoções poéticas, ao reunir história, memória, utopia e rebeldia, transformando suas vivências em expressão universal das experiências de seu povo. Candido (2017) aborda o papel humanizador de construção, a organização advinda do escritor, ao pensarmos nos poemas em suas diversas possibilidades de comunicar e conduzir para diferentes percepções do mundo. Para o autor,

[...] ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar nossa humanidade [...] a literatura pode ser instrumento consciente de desmascaramento, pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos, ou de negação deles, como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos (Candido, 2017, p. 202-203).

Adentramos na discussão mais latente do meio literário, de um lado tantos escritores relegados ao esquecimento; de outro, uma parte da sociedade que não tem o direito ao acesso a uma literatura capaz de promover novos conhecimentos e, principalmente, comunicar-se, sendo a troca tão necessária para a construção de nós mesmos. Por fim, Candido (2017) não apenas acredita no direito à arte e em seu papel de humanizar, como também em seu cultivo e investigação provenientes das necessidades básicas, que devem ser comuns a todos.

Sob essa perspectiva, destaca-se Casaldáliga como um escritor engajado, que representa o povo oprimido, dá-lhes voz e vez diante de tamanha indignidade enfrentada, principalmente na região do baixo Araguaia. Suas temáticas são humanas e cercadas de significações, uma escrita profética, memorística e que provoca nos leitores reflexões sobre a própria condição humana.

## 2 Engajamento e literatura: algumas guisas teóricas



Vol. 32, nº 1 (2026)

*“Talvez aqui precisamos mais do que nunca do diálogo interior em meio a esses silêncios... Chegamos à Missão em 30 de julho e já pensei e senti e temi muitas coisas.*

*Dos homens, da natureza, de Deus...”*

Pedro Casaldáliga

A preocupação de Pedro Casaldáliga em registrar os acontecimentos de seu cotidiano manifesta-se tanto em sua poética quanto em suas narrativas. Como profeta social, volta seu olhar para os excluídos e marginalizados, assumindo o compromisso de dar visibilidade às suas experiências e lutas. Os recursos poéticos por ele empregados possibilitam uma sensibilização do leitor, convocando-o à compreensão social e histórica da região do Araguaia.

Por sua formação teológica, Casaldáliga possuía profundo conhecimento bíblico, que se configura como uma de suas principais forças criadoras e inspiradoras. Além disso, os acontecimentos que o cercavam e o desafiavam são incorporados à sua escrita em uma dimensão sagrada, porém legitimada pelas vivências concretas do povo. Nesse sentido, as imagens poéticas passam a ser construídas desde sua chegada ao território mato-grossense, adquirindo novos significados ao longo de sua trajetória, o que permite reconhecer em sua obra uma escrita plural e profundamente engajada.

Ao mencionar a necessidade do “diálogo interior em meio aos silêncios”, o autor evidencia um processo de reflexão diante do desconhecido, das tensões sociais e das responsabilidades assumidas em sua chegada à região do Araguaia. A referência aos homens, à natureza e a Deus demonstra a amplitude de sua percepção existencial, na qual o humano, o natural e o sagrado se entrelaçam, com vistas a constituir elementos fundamentais de sua escrita e de sua atuação pastoral e social.

Hilda Gomes Dutra Magalhães, em sua obra *História da Literatura de Mato Grosso: Século XX* (2001), considerada um marco dentro dos estudos e das críticas da literatura e da história de Mato Grosso, apresenta a poesia de Pedro: “Dom Pedro nos fala em sua obra sobretudo de posseiros e de indígenas, os que estão no fim da cadeia do Poder na região [...] uma poética que resiste, que denuncia, que se levanta a violação dos Direitos do Homem. [...] A poética de Dom Pedro é a escrita de um coletivo” (Magalhães, 2001, p. 295). É nessa ótica de “um eu” marcado pela “Teologia da Libertação” que sua estética se fundamenta, assim,



seus versos são fortemente calcados pela vida e pela arte, sua visão de dentro (meio) revela uma inserção que ecoa por entre aqueles que conviveram com ele, leram ou até mesmo ouviram falar de suas causas, que foram sua vida, vida esta que foi resistência e luta.

**Oração a São Francisco em Poema e Desabafo**

*(A muitos franciscanos amigos e a nosso teólogo,  
amigo e franciscano Leonardo Boff)*

A metade do mundo morre de fome,  
a outra metade  
de medo da morte.

Existem poucos alunos  
que levam a sério  
a sábia palavra  
do santo Evangelho.

Senhora Pobreza,  
perfeita Alegria,  
anda nos livros  
mais que em nossas vidas.

Há muitos caminham  
que levam a Roma.  
Belém e o Calvário  
saíram da direção.

Nossa madre igreja  
melhorou de modas  
porém há muita cúria  
e pouco carisma.

Frades e conventos  
criaram vergonha  
mais em suas maneiras  
que por vida nova.

Tecnocratas muitos  
e poetas poucos,  
muitos doutrinários  
e menos profetas.

Firmas e escritórios,  
armas e convênios,  
planejam a História,  
manejam os povos.

A mãe natureza chora,  
poluída no ar e nas águas,  
nos céus e nas minas.

Pássaros e flores morrem de susto.  
Os lobos do pânico  
ganharam o mundo.



Vol. 32, nº 1 (2026)

Eriçou suas bandeiras  
a antiga arrogância.  
Só o lucro e o ódio  
fazem suas cruzadas.

Pactos e tratados  
Guerras e mais guerras.  
Sangue por petróleo  
Os impérios trocam.

Compadre Francisco,  
O mundo é tão velho,  
Que se terá que outro fazer  
Para vê-lo nosso (Casaldáliga, 1989).

O poema intitulado como uma Oração (prece) a São Francisco e poema desabafo (sentimento íntimo) faz uma crítica à postura da igreja diante dos pobres, o distanciamento entre o clero e o povo. Os franciscanos representam esse marco na igreja, pois o objetivo maior é o de praticar a simplicidade e pobreza, como São Francisco servindo aos pobres e a pregação do evangelho. Nota-se que o poeta “denuncia uma igreja que não compreende e não aceita a teologia da libertação (a mãe torna-se madrasta; Roma e tudo que representa - a cúria, as confrarias - tornam-se ameaça” (Magalhães, 2001, p. 293).

“A mãe Natureza chora/Pássaros e flores morrem de susto” há uma mudança em tudo, a sua volta um grito de tudo que é vivo se findam, encerram, e a perfeita Alegria existe somente nos livros. Homens/Igreja/Natureza as temáticas bases dos poemas do bispo-poeta, uma igreja que não dá voz, não pratica a caridade, o acolhimento, todos estão sozinhos, relegados. E a “História” precisa mudar, pois uma antiga arrogância havia retomado, uma analogia às Cruzadas, em que igreja é a controladora e visa os lucros.

O eu-lírico tem a esperança na vinda de Jesus, Nossa Senhora, Comadre Clara e a irmandade toda, veja a intimidade com que se refere “Compadre” Francisco e “Comadre Clara”. Santa Clara que foi discípula de São Francisco deixou sua família e seus dotes fazendo voto de pobreza e dedicando toda sua vida a servir os mais pobres, para que de fato uma mudança aconteça “contamos contigo/naquela hora” no final, onde tudo a partir disso possa ser diferente, quem sabe um mundo novo.

As atitudes proféticas de Casaldáliga e a busca por justiça social ficaram marcadas em sua atuação frente à Prelazia de São Félix do Araguaia. Quando ordenado Bispo em 1971, ocorre a publicação de uma carta pastoral *Uma Igreja da Amazônia em conflito com o*



*Latifúndio e a Marginalização Social.* Trata-se não apenas de um marco de enfrentamento, mas também uma imagem que passa a ser reconhecida por sua posição político-religiosa diante de todos os conflitos, os quais vivenciou naquela região do Araguaia.

Depois de três anos de ‘missão’ neste norte do Mato Grosso, tentando descobrir os sinais do tempo e do lugar, juntamente com outros sacerdotes, religiosos e leigos, na palavra, no silêncio, na dor e na vida do povo, agora, com motivo da minha sagração episcopal, sinto-me na necessidade e no dever de compartilhar publicamente, como que nível de Igreja nacional e em termos de consciência pública, a descoberta angustiosa, premente (Canuto, 2021, p. 347).

A Teologia da Libertação é uma corrente teológica originada na América Latina no final da década de 1960, em um contexto de intensa pobreza, autoritarismo e desigualdade social. Seu principal objetivo era articular uma leitura do Cristianismo que incorporasse a realidade concreta dos pobres e os oprimidos como sujeitos da história e da fé. No Brasil, essa teologia se consolidou como uma das vertentes mais influentes da Igreja Católica nas décadas de 1970 e 1980, aliando fé e ação política em defesa da justiça social. Como afirma os irmãos Clodovis Boff e Leonardo Boff (2010, p. 3), principais nomes da Teologia da Libertação no Brasil:

A teologia da libertação discute questões que interessam ao humano, para além de sua colaboração ideológica ou de sua inscrição religiosa. Interessam a todos os que não perderam ainda o mínimo da humanidade as questões dos milhões de pobres, da justiça internacional, do futuro da vida dos condenados da Terra.

A base metodológica da Teologia da Libertação parte da realidade concreta do povo, especialmente da pobreza, e busca compreendê-la à luz do Evangelho. Assim, encontramos Casaldáliga em seu maior comprometimento, com os oprimidos. Entende-se que a teologia libertadora passa a articular a partir de um método pastoral fundamental: ver, julgar e agir — observar a realidade social, interpretá-la à luz da fé e tomar ações concretas para transformá-la.

No Brasil, essa abordagem se manifestou especialmente através das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), que foram os espaços de leitura popular da Bíblia e de organização comunitária. Gustavo Gutiérrez (1986, p. 239), um dos principais nomes da Teologia da Libertação, afirmava que “os profetas denunciarão todo tipo de abuso, toda forma de manter os pobres nessa situação e de criar novos pobres. Não só alude a situação, mas se assinalam com os dedos os culpados”. Essas comunidades não apenas proporcionavam espiritualidade, mas também despertavam a consciência social e política das populações mais vulneráveis.



Durante a Ditadura Militar, a Teologia da Libertação teve papel de destaque na resistência aos abusos do regime. Desse modo, Dom Paulo Evaristo Arns, Dom Hélder Câmara e Dom Pedro Casaldáliga se tornaram vozes proféticas em defesa dos direitos humanos. Além disso, o trabalho missionário de Casaldáliga ao norte de Mato Grosso, na região de São Félix do Araguaia, foi marcado desde o primeiro momento pela desigualdade, pela opressão e pelo enfrentamento. Percebemos o quanto esse caráter de denúncia acompanha a escrita de Casaldáliga, seu tom profético passa a ser edificado, e as vozes silenciadas são substituídas por sua própria voz e, ainda mais grandioso, sua vida foi oferecida para todos aqueles injustiçados.

A obra *Ventos de Profecia na Amazônia 50 anos da Prelazia de São Félix do Araguaia* (2021), de Antônio Canuto, nos direciona em uma pesquisa de grande relevância sobre a Prelazia de São Félix do Araguaia e sua contribuição se faz presente no decorrer de nossa discussão. Ele esteve presente no que podemos considerar como marco na caminhada de Pedro Casaldáliga pela região do Araguaia, viveu por 13 anos como padre na equipe de sua pastoral da Prelazia de São Félix, participou da ordenação de Dom Pedro, que culminou com a Ditadura Militar.

Em sua obra apresenta como foi sua atuação naquela região ao lado do Bispo, em que colaborou com a documentação para a composição da segunda carta pastoral. Além disso, descreve toda a organização interna da Prelazia, como relatos de testemunhos daqueles que participaram ativamente dos momentos mais cruciais da ocupação do território (São Félix) e da resistência e da luta de indígenas e posseiros. O autor relata esse momento:

Os missionários haviam caído em um espaço imenso, pouco depois de o governo militar definir como uma das suas prioridades o “desenvolvimento da Amazônia”. E a região fazia parte do que havia sido definido como Amazônia Legal. Fartos recursos eram oferecidos pelo governo, através de incentivos fiscais às pessoas e empresas que se dispusessem a investir na Amazônia. Era o momento em que o capital avançava com tudo sobre a região, desconhecendo os povos indígenas existentes e os núcleos de sertanejos espalhados, quase sempre às margens dos rios. Trabalhadores braçais, chamados de peões, eram trazidos de outros estados para a abertura das fazendas e submetidos a condições degradantes, análogas às de trabalho escravo (Canuto, 2021, p. 88).

Dessa forma, é notório que, para o Bispo, não há outro caminho senão o enfrentamento dessa missão, para a qual foi escolhido: Igreja x Latifúndio. Canuto (2021) relata minuciosamente o caminho percorrido pelas ações pastorais em favor dos direitos humanos, o que permite afirmarmos a tamanha referência que temos hoje de muitos anos de



trabalho e dedicação ao próximo, em todas as esferas: educação, saúde, moradia, o que proporcionou um pouco de dignidade para os habitantes daquela região.

Nesse sentido, afirmamos que Casaldáliga viveu a Teologia da Libertação em toda sua dimensão e, principalmente, com todas as circunstâncias desfavoráveis encontradas por ele logo que chegou para sua missão em Mato Grosso. Segundo Boff e Boff (2010), a Teologia da Libertação tem em sua raiz uma espiritualidade que espera e acredita em uma sociedade de libertos e mais humana. Nesse sentido, os profetas assumem determinadas posturas e, dentre elas, destacamos o homem de luta, comprometido, fraterno e utópico. Tanto fez Casaldáliga, que não há como desvencilhar de si a esperança de um mundo mais humanizado.

Ao final de sua obra, Canuto anexa a carta intitulada o *Grito desta Igreja* (1971), escrita pelo Bispo em tom de desabafo e esclarece os motivos pelos quais a Igreja se fazia presente e atuante na região do Araguaia:

Nós-bispo, padres, irmãs, leigos engajados- estamos aqui, entre o Araguaia e o Xingu, neste mundo, real e concreto, marginalizado e acusador, que acabo de apresentar sumariamente. E somos aqui a Igreja 'visível' e 'reconhecida'. Ou possibilitamos a encarnação salvadora de Cristo neste meio, ao qual fomos enviados, ou negamos nossa Fé, nos envergonhamos do Evangelho e traímos os direitos e a esperança agônica de um povo de gente que é também povo de Deus; os sertanejos, os posseiros, os peões; este pedaço brasileiro da Amazônia (Canuto, 2021, p. 387).

O crítico Alfredo Bosi, em sua obra *Entre Literatura e a História* (2015), discute sobre teologias no sentido da possibilidade de interpretações do leitor, pois toda grande narrativa traz significações inesgotáveis. Para ele, as construções das teologias “não fizeram mais do que arrancar do fundo comum da memória cristã tudo quanto fazia sentido para os grupos religiosos em cada encruzilhada da História” (Bosi, 2015, p. 329). Essa afirmação nos bastaria para uma compreensão da “palavra” utilizada por Casaldáliga como ferramenta/meio de adentrar sua luta como sacerdote. A Teologia da Libertação é entendida, então, como aquela que está historicamente presente nos conflitos de ordem política e social, embasados em discursos cristãos.

O engajamento se faz nesse compromisso missionário assumido pelo Bispo poeta, repleto de uma esperança cristã, que busca por justiça a todo custo para todos os oprimidos. Sua escrita poética cumpre o papel de universalizar todas as vidas, como ressalta Bosi (2015, p. 25): “a poesia sabe entrar por veredas imprevistas”, e é por ela o caminho encontrado para



humanizar todas as vidas exploradas, relegadas e tantas outras perdidas. Nas leituras realizadas, tanto da poética quanto de sua narrativa, confirmamos a consciência de sua missão como religioso, em que, mesmo já afastado do seu cargo de Bispo, escrevia em cartas circulares e expressava com o mesmo entusiasmo de fé e esperança sua espiritualidade.

Como Igreja, para a Igreja, neste último ano eu também sonhei muito, com tantos irmãos e irmãs da grande Igreja de Jesus. E de diferentes lugares me pediram, precisamente, que explicitasse esses sonhos. Partilho com vocês, aqui, alguns deles, já velhos conhecidos de nossas vigílias: Rever na fé, na teologia e na espiritualidade o Deus que vimos adorando, dogmatizando e pregando, porque talvez nem sempre corresponda ao verdadeiro Deus, ao Deus de Jesus, falando como cristão (Casaldáliga, 1999).

Eu, no meu sossego de aposentado, experimentando «a pobreza biológica» com as suas limitações. Em compensação tenho podido editar alguns livros, como filhos da velhice. Permite-se um comercial?: «Murais da Libertação», com Cerezo Barredo, ed. Loyola; «Orações da Caminhada», ed. Verus; «Cuando los días dan que pensar», ed. PPC; «Cartas Marcadas», ed. Paulus/Brasil; «Con Jesús, el de Nazaret», com José Luiz Cortés, ed. PPC; «Los ojos de los pobres», com Juan Guerrero, em castelhano e em catalão, ed. Ediciones 62. Sigamos editando utopia, compromisso, transparência, vida. E recordemos que a utopia deve ser verificada na práxis diária, que «a esperança somente se justifica naqueles que caminham» e que «nos é dada para servir aos desesperançados». Para este serviço penso que hoje nos é pedido, sobretudo, um testemunho coerente, uma proximidade samaritana, uma presença profética. A todos, a cada um e a cada uma a quem devo amizade, gratidão e carta, um forte abraço na paz militante do Evangelho (Casaldáliga, 2006).

“Sigamos editando utopia, compromisso, transparência, vida”. Assim se consolida a imagem de Casaldáliga, o Bispo poeta engajado, mesmo afastado de suas atividades religiosas continuou sendo revolucionário, utópico, demonstrando que suas causas sempre foram seu compromisso de vida. Esse engajamento provoca em nós leitores inquietações sociais, religiosas e históricas, questionamentos dos valores morais de nossa sociedade. Logo, podemos afirmar que a escrita casaldaliana nos sensibiliza e resiste frente às insensibilidades dos homens.

### 3 Considerações finais

As leituras sobre a poética de Pedro Casaldáliga não se encerram após suas análises; ao contrário, revelam uma sensação de incompletude que impulsiona novas investigações. Ao longo de sua produção poética, evidencia-se a consciência de suas ações e de seu compromisso com a luta social, posicionando-o diante das experiências locais com firmeza



e sensibilidade. Sua escrita revela um fazer poético marcado pelo chamamento coletivo, pelo compromisso ético e pela projeção utópica de transformação social.

Além disso, Casaldáliga manifesta-se em múltiplas dimensões como bispo, militante, amigo e poeta, mantendo, em todas elas, uma profunda vinculação com o povo e suas lutas. Seu legado literário ultrapassa o valor estético de sua obra, consolidando-se, sobretudo, pelo seu valor humano e social. Ademais, sua produção não pode ser compreendida apenas pela diversidade formal de seus poemas, mas pela densidade de seu conteúdo e pela força de uma voz poética capaz de transitar entre diferentes realidades, sensibilidades e experiências históricas.

Desse modo, sua poética configura-se como espaço de resistência, memória e denúncia, no qual a palavra assume papel fundamental na construção de sentidos e na valorização das vozes historicamente silenciadas. Logo, sua escrita reafirma a literatura como instrumento de reflexão crítica e de engajamento social, bem como evidencia a permanência e a relevância de sua obra no campo literário e sociocultural.

## Referências

BOFF, L.; BOFF, C. **Como fazer teologia da libertação**. 10 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BOSI, A. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BOSI, A. **Entre a Literatura e a História**. São Paulo: 34, 2015.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. 7. ed. São Paulo: Nacional, 2000.

CANDIDO, A. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2017.

CANUTO, A. **Ventos de profecia na Amazônia: 50 anos da prelazia de São Félix do Araguaia**. Goiânia: PUC-Goiás, 2021.

CASALDÁLIGA, P. **Águas do tempo**. Cuiabá: Fundação Cultural de Mato Grosso, 1989.

CASALDÁLIGA, P. A escada de Jacó [circular fraterna]. **Fundação Pere Casaldáliga**, 1999. Disponível em: <https://fperecasaldaliga.org/pt-br/pedro-casaldaliga-a-obra>. Acesso em: 10 set. 2025.



Vol. 32, nº 1 (2026)

CASALDÁLIGA, P. Utopia necessária como o pão de cada dia - Cartas Circulares. **Fundação Pere Casaldaliga**, 2006. Disponível em: <https://fperecasaldaliga.org/pt-br/pedro-casaldaliga-a-obra>. Acesso em: 10 set. 2025.

GUTIÉRREZ. G. **Como fazer teologia da libertação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

MAGALHÃES, H. **História da literatura de Mato Grosso: Século XX**. Cuiabá: Unicem publicações, 2001.

SARTRE, J. P. **Que é a literatura?** Petrópolis-RJ: Vozes, 2019.